

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

KENIA BITENCOURT GOULART

**A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E SUA
RELAÇÃO COM O ENSINO DA ARTE.**

CRICIÚMA

2015

KENIA BITENCOURT GOULART

**A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E SUA
RELAÇÃO COM O ENSINO DA ARTE.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciatura no curso de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. (a) Simone das Graças Nogueira Feltrin

CRICIÚMA

2015

KENIA BITENCOURT GOULART

**A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E SUA
RELAÇÃO COM O ENSINO DA ARTE.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciatura, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Arte e Educação.

Criciúma, 25 de novembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Simone das Graças Nogueira Feltrin - Especialista – (UNESC) - Orientadora

Prof^a. Ma Silemar Maria de Medeiros da Silva - Mestre - (UNESC)

Prof^a. Ma Francine Costa de Bom – Mestre – (UNESC)

**Dedico este trabalho aos meus familiares e
as pessoas que estiveram comigo nesta
caminhada.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por proteger minha caminhada, me dando saúde e força. Minha família, pois sempre estiveram ao meu lado.

Agradeço meu namorado sempre me incentivando e acreditando que alcançaria meus objetivos.

Agradeço aos meus colegas de curso, principalmente a minha colega e amiga Gabriela Kubaski.

Gostaria de agradecer a esta universidade e seu corpo docente. Agradeço a banca examinadora, por aceitarem o meu convite e vivenciarem comigo este momento importante em minha formação.

Por fim, gostaria de agradecer a minha orientadora Simone das Graças Nogueira Feltrin, por sua dedicação neste trabalho. Obrigada por tudo que me ensinou nesta caminhada.

**“Não é no silêncio que os homens se fazem,
mas na palavra, no trabalho, na ação-
reflexão”.**

Paulo Freire

RESUMO

A presente pesquisa aborda a inclusão de alunos com deficiência na educação básica e o ensino da arte. Tendo como objetivo principal analisar como os professores de Artes veem o aluno com deficiência. A fim de evidenciar a importância do ensino da arte e as linguagens artísticas para o desenvolvimento do aluno deficiente, pois como disciplina curricular arte é obrigatória e fundamental para sua expressão e inclusão entre os colegas. Com abordagem qualitativa, buscando respostas para o seguinte problema da pesquisa: Qual a percepção dos professores de Artes na educação básica com relação à inclusão de alunos com deficiência? Para alcançar os objetivos os procedimentos técnicos realizamos uma pesquisa bibliográfica com autores que discutem o tema e a pesquisa de campo, que ocorreu através de um questionário aplicado aos professores de Artes da rede municipal de Criciúma/SC. Logo após, foi realizada a análise dos dados coletados o que nos permitiu verificar que os professores que responderam ao questionário consideram o ensino da arte importante para a aprendizagem do aluno deficiente. O referencial desta pesquisa foi fundamentado com base em autores como Tibola (2001), Barbosa (1998), Strazzacappa; Morandi, (2006), Pillotto; Schramm (2001), Cunha (2006), Carneiro (2007), Mantoan (2006) entre outros.

Palavras-chave: Ensino da Arte. Inclusão. Educação Básica. Aluno com deficiência.

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Tempo de Serviço/ Escola referente a matrículas de alunos.....**Error!**
Bookmark not defined.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

FCEE – Fundação Catarinense de Educação Especial

INES – Instituto Nacional de Educação Especial

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PCNs – Parâmetro Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO	13
3 EDUCAÇÃO INCLUSIVA	21
4 METODOLOGIA	27
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	29
6 PROPOSTA DE CURSO	36
6.1 METODOLOGIA.....	37
7 CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICE(S).....	42
ANEXO(S).....	46

1 INTRODUÇÃO

Atualmente o tema inclusão de alunos com deficiência está sendo discutido na educação básica, entretanto inclusão não é somente o aluno dentro de uma sala de aula. Incluir é promover espaço e situações para que ele também participe das aulas, com atividades adaptadas dependendo da deficiência.

Esse tema também é algo que me inquieta bastante, devido ao meu trabalho como monitora, onde tenho contato com alunos deficientes diariamente e desde que comecei o curso de Artes Visuais Licenciatura, sempre pensei em fazer meu trabalho de conclusão de curso relacionado com a educação inclusiva. Então, quando comecei a estagiar nas escolas, isso ficou mais evidente, pois percebi que os alunos não são incluídos conforme as políticas públicas garantem. A responsabilidade de inclusão não é somente do professor, é de toda a escola, é da sociedade.

O ensino da arte é uma área do conhecimento e oportuniza ao aluno aprender, expressar a sua criatividade, sentimentos e de comunicação através das linguagens artísticas como artes visuais, dança, teatro e música.

A partir de minha curiosidade e vontade de conhecer mais sobre o ensino de arte e a inclusão, trago como tema de pesquisa: A inclusão de alunos com deficiência na educação básica e sua relação com o ensino da arte. Buscando uma reflexão sobre o seguinte problema: Qual a percepção dos professores de artes na educação básica com relação à inclusão de alunos com deficiência?

Esta pesquisa norteou-se pelos seguintes objetivos: Geral: Analisar a percepção dos professores de Artes com relação a inclusão de alunos com deficiência na educação básica.

Específicos: compreender o processo de inclusão através das políticas públicas; compreender a metodologia utilizada nas aulas de Artes; reconhecer a importância da arte na educação básica com alunos que possuem deficiência; identificar quais as linguagens artísticas trabalhadas nas aulas de Artes com os alunos deficientes incluídos na educação básica; identificar que atividades são realizadas no ensino da arte se há diferença ou não; identificar os espaços utilizados para o ensino da arte na educação básica; identificar as dificuldades que os professores de Artes encontram na escola de educação básica em relação a

inclusão.

As questões que nortearam esta pesquisa surgiram a partir dos seguintes questionamentos: O que as políticas públicas apontam sobre a inclusão de alunos com deficiência na educação básica? Quais as metodologias que o professor de Artes trabalha com alunos deficientes na educação básica? Como os professores contextualizam a arte com os alunos deficientes? Que linguagens artísticas o professor utiliza para ensinar alunos deficientes? Quais os espaços utilizados para o ensino da arte na escola de educação básica? Quais dificuldades o professor de Artes encontra na escola, com relação a inclusão de alunos deficientes?

O estudo proposto aconteceu dentro da Linha de pesquisa Educação e Arte: princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. Linguagens artísticas e suas relações com as práticas pedagógicas. Estudos sobre estética, semiótica, identidade, cultural e suas implicações com a arte e a educação.

Esta pesquisa é bibliográfica e de campo, com a coleta de dados por meio de um questionário, com professores de Artes que atuam em escolas com alunos deficientes na educação básica do município de Criciúma/SC.

Acredito que meus questionamentos foram respondidos, no percurso da minha pesquisa, servindo assim como fonte de conhecimento próprio e uma maior preparação como futura docente da área.

O estudo proposto está estruturado em sete capítulos, onde dialogo com autores como: Tibola (2001), Barbosa (1998), documentos norteadores PCNs – Arte (1997), LDB (1996), Saboia (2010), Strazzacappa; Morandi, (2006), Pillotto; Schramm (2001), Japiassu (2007), Cunha (2006), Antunes (2008), Santa Catarina (2009), Mantoan; Prieto; Arantes(org.) (2006), Goffredo (1999), Constituição Brasileira (1988), Carvalho (1999), MEC/SEESP (2007), Carneiro (2007), Mantoan (2006), Jannuzzi; Tunes; Bartholo (orgs.) (2010). Para finalizar elaborei um projeto de curso baseado na análise de dados e escrevo algumas considerações finais sobre a pesquisa realizada.

2 ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO

Na história da humanidade a arte e a educação sempre estiveram presentes na relação do sujeito com o mundo. Desde os povos primitivos, com seus desenhos nas cavernas pré - históricas, tinham a necessidade de se comunicar. De acordo com os PCNs de Arte (BRASIL, 1997, p. 20): “O homem que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica teve que aprender de algum modo, seu ofício. E, da mesma maneira, ensinou para alguém o que aprendeu.” Assim, o ensino e a aprendizagem da arte vêm ao longo dos tempos se modificando.

No Brasil a arte aproximou os Jesuítas dos indígenas através do Teatro e da Música, que pretendiam alfabetizar e catequizar, foi este o primeiro método de ensino organizado.

Outro marco na história foi à chegada da missão francesa no início do século XIX, por ocasião da mudança da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro, nesta mesma época criaram a primeira escola de Arte Brasileira, a Academia Imperial de Belas Artes, os artistas que faziam parte dessa missão eram franceses com formação neoclássica. Segundo a autora Tibola (2001, p. 13):

A importância dessa escola na história do ensino de Artes no Brasil está no fato de ela ter implementado metodologias de ensino do Desenho que influenciaram as concepções de ensino na Escola Normal, influências que perduraram desde então, podendo, ainda hoje, serem observadas nas práticas pedagógicas em muitas salas de aula.

No início do século XX, o ensino da arte ganhou novos espaços, em que o aluno era visto como um ser criativo e que deviam ser oferecidas condições para que ele se expressasse por meio das linguagens artísticas, mas isso aconteceu fora das escolas formais (TIBOLA, 2001).

A arte complementa os estudos de diferentes disciplinas, através dela conhecemos as tradições, valores, modo de vida e crenças de uma sociedade, a arte conta o que a história, a sociologia, a antropologia, não conseguem nos contar, pois usam outro tipo de linguagem, assim podemos visualizar de quem somos, onde estamos e como sentimos (BARBOSA, 1998).

A arte é importante para a formação do sujeito, ela é indispensável na formação que a educação básica pode oportunizar aos estudantes. Na escola, a arte

é contextualizada, ela pode ser ensinada e aprendida, é onde o sujeito desenvolve o gosto pela arte. Através dela, o aluno conhece sua cultura, se identifica, percebe e analisa sua realidade e conhece a cultura de outros lugares.

A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento. Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 1998, p 16).

Na educação a arte amplia a imaginação e a criação, não só no fazer artístico, mas também no modo de ver o mundo, a si próprio, no ser, no sentir e nas trocas de experiências.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (BRASIL, 1997, p 19).

O ensino da arte amplia a qualidade da experiência estética do sujeito, a partir de seu repertório. Da experiência que ele já tem, o aluno pode conhecer as formas artísticas e culturais nas aulas de Artes.

Conforme a determinação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Art.26, § 2º “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996). A partir da lei, as expressões regionais precisaram estar presentes nas aulas de Artes, no qual o aluno passa a conhecer o contexto mais aprofundado de onde vive.

Os PCNs de Arte (1997, p. 37), o ensino da Arte deve ser considerado como: “[...] área de conhecimento com conteúdos específicos e deve ser consolidada como parte constitutiva dos currículos escolares, requerendo, portanto, capacitação dos professores para orientar a formação do aluno”.

Aprender arte é interagir, apreciar, conhecer artistas, as histórias, movimentos artísticos e as linguagens artísticas. É necessário despertar nos alunos a valorização da arte, de suas criações artísticas, desenvolver suas habilidades de

imaginação e apreciação, por isso é importante conhecer o contexto que o aluno está inserido, para desenvolver o ensino de arte e o professor precisa aprender também, como ensinar arte, considerando todas as linguagens artísticas.

O ensino de Artes Visuais requer uma pesquisa contínua, por parte do professor, sobre os conteúdos, os conceitos da área, as técnicas, as formas visuais de vários momentos da história até a contemporaneidade. Para proporcionar aos alunos vivências, experiências de aprender e de criar, em relação as suas produções artísticas, sejam elas pessoais ou coletivas (BRASIL, 1997). Segundo o PCN (BRASIL, 2007, p. 45):

O estudo das visualidades pode ser integrado nos projetos educacionais. Tal aprendizagem pode favorecer compreensões mais amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade, afetividade e seus conceitos e se posicione criticamente.

Atualmente, essas visualidades são utilizadas em grandes quantidades, devido ao uso das tecnologias, o professor deve mediar o uso das visualidades utilizando de maneiras diferentes. A fim de desenvolver, perceber e distinguir sentimentos, sensações, ideias e qualidades, tendo um posicionamento crítico.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes (BRASIL, 1997, p. 45):

As artes visuais, além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial), incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir da modernidade (fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance).

Artes Visuais envolvem vários recursos, materiais, tendo um campo de atuação amplo, devido a essas visualidades, assim, as aulas de Artes podem oportunizar um conjunto de experiências junto ao estudante, bastante significativas, contribuindo para o seu desenvolvimento humano, respeitando suas dificuldades e valorizando suas possibilidades.

Segundo Sabóia (2010, p. 07): O ensino da arte acompanhou as mudanças educacionais e tem refletido na formação dos educadores em Artes Visuais “[...] amplia-se o grupo de educadores que passa a incorporar em suas ações educativas novas concepções, consonantes com as novas visualidades que se apresentam em nossa sociedade”. São educadores que proporcionam aos alunos

experiências envolvendo todas as linguagens artísticas e preocupam-se com uma formação estética, artística e cultural.

Os conteúdos de Artes Visuais são norteados nos PCNs – Artes, sendo divididos em primeiro e o segundo ciclos: expressão e comunicação na prática do aluno, as Artes Visuais como objeto de apreciação significativa e as Artes Visuais como produto cultural e histórico. Esses conteúdos envolvem as diversas formas de expressão e criação. De acordo com os PCNs – Artes (BRASIL, 1997, p. 45) é necessário considerar:

[...] as técnicas, procedimentos, informações históricas, produtores, relações culturais e sociais envolvidas na experiência que darão suporte às suas representações (conceitos ou teorias) sobre arte. Tais representações transformam-se ao longo do desenvolvimento à medida que avança o processo de aprendizagem.

O professor pode colocar o aluno em contato com novas experiências, tornando essa prática pedagógica muito mais significativa, além de contribuir para a construção crítica da realidade, um olhar mais atento de que tudo que produzimos artisticamente pode ser reconhecido com um exercício de arte.

A arte deve ser pensada como possibilidade de construção de conhecimento na inclusão de pessoas com deficiência, através das diferentes linguagens artísticas, considerando a minha formação em Artes Visuais, é desse lugar que me proponho a pesquisar.

Com relação a dança, muitos historiadores apontam que é uma das manifestações artísticas mais antigas, como mostram os desenhos rupestres, onde o homem já dançava. Os Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte – PCNS (BRASIL, 1997, p. 49) aponta que:

A arte da dança faz parte das culturas humanas e sempre integrou o trabalho, as religiões e as atividades de lazer. Os povos sempre privilegiaram a dança, sendo esta um bem cultural e uma atividade inerente à natureza do homem.

A dança desenvolve e amplia noções rítmicas, as noções de tempo e espaço, e assim como o teatro desenvolve a expressão corporal do aluno. A dança pode fazer com que a criança desenvolva a compreensão de sua capacidade de movimento e de como seu corpo funciona, de tal modo, poderá usar seu corpo expressivamente, com autonomia, responsabilidade e sensibilidade (BRASIL, 1997).

Na educação faz parte da preocupação de muitos educadores, que compreendem que a dança é uma Arte básica, pois o movimento do corpo,

enquanto criação e expressão, fazem parte da educação. Para Strazzacappa e Morandi, (2006, p. 72 apud LABAN):

Quando tomamos consciência de que o movimento é a essência da vida e que toda a forma de expressão (seja falar, escrever, cantar, pintar ou dançar) utiliza o corpo como veículo, vemos quão importante é entender essa expressão externa da energia vital interior.

De acordo com Strazzacappa e Morandi (2006 apud LABAN), a linguagem da dança é considerada significativa para a formação do sujeito quando o fazer e o sentir têm relação com o corpo e com a dança, contribuindo assim para que o sujeito seja crítico, capaz de criar pensando. O professor deve proporcionar ao aluno o contato com danças permitindo experimentar, sentir e agir através da dança.

Segundo PCNS (BRASIL, 1997, p. 49), “[...] desenvolver seu olhar, fruição, sensibilidade e capacidade analítica, estabelecendo opiniões próprias.” E esse contato com diferentes expressões artísticas pode tornar um sujeito capaz de compreender a diversidade humana e possibilidade de inclusão a partir de atividades envolvendo a dança e alunos deficientes.

Após muitas lutas e movimentos sociais os deficientes reivindicavam uma sociedade igualitária e sem discriminação, as pessoas com deficiência, conquistam o reconhecimento de direitos: de estar na sociedade, de dançar, de visitar museus, de ir ao teatro, de criar e recriar através da arte.

A linguagem teatral existe desde que existe o homem, iniciou com rituais religiosos e com o tempo se tornou uma arte. Essa linguagem necessita de tempo de quem produz e a realiza, reduzi-la a somente decorar falas, esta desvalorizando essa arte. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte – PCNS (BRASIL, 1997, p. 57):

O teatro, como arte, foi formalizado pelos gregos, passando dos rituais primitivos das concepções religiosas que eram simbolizadas, para o espaço cênico organizado, como demonstração de cultura e conhecimento. É, por excelência, a arte do homem exigindo a sua presença de forma completa: seu corpo, sua fala, seu gesto, manifestando a necessidade de expressão e comunicação.

O teatro tem como modalidade a comunicação corporal ou cênica, que vai além do uso de palavras, a linguagem teatral tem muitas possibilidades de expressão através do corpo (JAPIASSU, 2007).

O ensino do teatro deve ampliar as possibilidades de interpretação, sejam elas como ator ou espectador, devem ir além da observação ou de um texto, as experiências de várias culturas e contexto sociais são significativas. O fazer teatro desenvolve a capacidade de expressão e coloca o aluno conhecedor de textos artísticos. Quando se é espectador de peças teatrais, desenvolve-se a habilidade de apreciação (PILLOTTO; SCHRAMM, 2001). No contexto educacional, os PCNs: Arte (BRASIL, 1997, p. 57) destaca que:

As propostas educacionais devem compreender a atividade teatral como uma combinação de atividade para o desenvolvimento global do indivíduo, um processo de socialização consciente e crítico, um exercício de convivência democrática, uma atividade artística com preocupações de organização estética e uma experiência que faz parte das culturas humanas.

O teatro na educação deve evidenciar um contexto social e cultural para o desenvolvimento crítico do sujeito. O teatro possibilita a vivência de outras identidades, faz com que o estudante possa se colocar no lugar do outro quando ele está representando, seja ele um personagem fictício ou real.

O teatro é caracterizado por suas múltiplas linguagens e todos os elementos em cena, os gestos, a música, a cenografia, o texto passam uma mensagem ao espectador. Os jogos teatrais podem ser uma forma de aprendizado da linguagem teatral (PILLOTTO; SCHRAMM, 2001).

De acordo com os PCNs: Arte (BRASIL, 1997, p. 57):

Ao participar de atividades teatrais, o indivíduo tem a oportunidade de se desenvolver dentro de um determinado grupo social de maneira responsável, legitimando os seus direitos dentro desse contexto, estabelecendo relações entre o individual e o coletivo, aprendendo a ouvir, a acolher e a ordenar opiniões, respeitando as diferentes manifestações, com a finalidade de organizar a expressão de um grupo.

A dramatização permite o trabalho em equipe, onde a escola oportuniza novas possibilidades ao estudante. Utilizar o teatro na escola, como forma de expressão, onde o sujeito tem a oportunidade de ampliar seus conceitos sociais, sua responsabilidade na convivência em grupo e individual, aprendendo a respeitar as diferenças, encaminhando para ações inclusivas.

A música é uma linguagem artística e uma forma de expressão, que tem a capacidade de comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, a música faz parte de nossa cultura e tradições, ela contrasta com o passado, presente e futuro.

Atualmente, como registram os PCNs (BRASIL, 1997), a tecnologia vem interferindo em nossas referências musicais, através do acesso à internet, rádio, televisão, computador, jogos eletrônicos, cinema, publicidade, etc. As propostas de ensino, dentro e fora da sala de aula, devem abrir espaço para essa diversidade.

O ensino da música como conteúdo tornou-se obrigatório nas escolas de Educação Básica, conforme a determinação da Lei 11.769 de agosto de 2008, do Art. § 6º: “A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2o deste artigo”. A aprovação dessa lei foi uma conquista para a área da educação musical.

A música é aprendizagem, desde que os alunos “[...] tenham a oportunidade de participar como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula” (BRASIL, 1997, p. 54). Quando o professor de Artes oportuniza o contato com pessoas que tenham relação com essa linguagem, está proporcionando a experiência com outros grupos artísticos, isso reflete na formação do aluno.

Segundo PCNs: Arte (BRASIL, 1997, p. 54), a escola deve sempre estar:

Incentivando a participação em shows, festivais, concertos, eventos da cultura popular e outras manifestações musicais, ela pode proporcionar condições para uma apreciação rica e ampla onde o aluno aprenda a valorizar os momentos importantes em que a música se inscreve no tempo e na história.

A linguagem musical, segundo Cunha (2006, p. 68): “[...] é a organização do som, estruturado numa forma que estabelece relações e gera significados, provenientes da coordenação e ordenação integrada do sujeito, do objeto sonoro e de seu meio sociocultural”. A música está presente no cotidiano, cada sujeito relaciona-a com diferentes experiências. A música pode ser organizada a partir da presença de sons, ritmos e melodias ou da ausência deles, podendo trazer lembranças e marcar experiências. (PILLOTTO; SCHRAMM, 2001)

Nas aulas, é importante que o aluno compreenda a composição, a interpretação, e possa sentir a melodia.

Numa canção, por exemplo, elementos como melodia ou letra fazem parte da composição, mas a canção só se faz presente pela interpretação, com todos os demais elementos: instrumentos, arranjos em sua concepção formal, arranjos de base com seus padrões rítmicos, características interpretativas, improvisações, [...] (BRASIL, 1997, p. 49)

Nas aulas de Artes, a linguagem musical proporciona ao aluno contato com as mais diversas culturas e ritmos do Brasil e do mundo, desde as mais antigas, até as contemporâneas. E para ser significativa na vida do aluno, é necessário que ele possa participar ativamente de todas as etapas e características que representam essa linguagem (BRASIL, 1997).

3 EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Não podemos negar que a exclusão e o aniquilamento de pessoas com deficiência da sociedade existiu; a história nos conta isso, as pessoas com deficiência eram confinadas por suas famílias, o medo do desconhecido gerava a eliminação da convivência na sociedade. A inclusão foi um caminho longo a ser percorrido por todos nós. Assim, não podendo ser considerado um fato novo, vem sendo discutida no Brasil e no mundo, principalmente por educadores.

Antes do século XX, o sistema educacional do Brasil ignorava todas as pessoas com deficiência. O Estado responsabilizava os pais quando a criança nascia com alguma deficiência; essa afirmação não estava explícita no texto da Constituição, mas fazia parte do pensamento de muitos (ANTUNES, 2008).

No Brasil, a organização de serviços para o atendimento das pessoas com deficiência iniciou com a criação dos Institutos: Imperial Instituto dos Meninos Cegos, hoje, Instituto Benjamin Constant – IBC e o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, hoje, Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, ambos entre os anos 1854 e 1856. Em 1954 foi criada a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE no Brasil. Mas a iniciativa pioneira na implantação de serviços para o atendimento à pessoa com deficiência mental, ocorreu em 1926, com a Sociedade Pestalozzi. A educação especial é um apoio a aprendizagem para a pessoa com deficiência e a inclusão do mesmo.

A educação especial deve ser entendida como processo interdisciplinar que visa à prevenção, ao ensino e à reabilitação da pessoa com deficiência, condutas típicas e altas habilidades, objetivando sua inclusão mediante a utilização de recursos pedagógicos e tecnológicos específicos. Em âmbito educacional, como uma modalidade que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, organizada para apoiar, complementar e suplementar a aprendizagem dos educandos (SANTA CATARINA, 2009, p.22).

Nas décadas de 1960 e 1970, no Brasil foram estruturadas propostas para o atendimento educacional de pessoas com deficiência, com o objetivo de trazê-las o mais próximo dos demais alunos. Segundo as autoras Mantoan e Prieto (2006, p.37): “Na época, movimentos sociais internacionais e nacionais *de e para* pessoas nessa condição reivindicavam seu direito a ter acesso aos bens e serviços sociais disponíveis para os demais segmentos da sociedade, um deles a classe

comum”. Essa integração escolar foi uma forma da pessoa com deficiência ser inserida na sociedade e participar do cotidiano escolar.

A constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN 9.394/96 instituem que a educação é direito de todos e é garantido atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência, é um dever do Estado e da família. No Art. 206 da Constituição, destaca-se segundo Goffredo (1999, p.28):

[...] a igualdade de condições não só para o acesso mas, também, para a permanência na escola; a liberdade de aprender, ensinar e divulgar o pensamento; o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas; a coexistência de instituições públicas e privadas; a existência de ensino público gratuito e a gestão democrática do ensino público.

A autora ressalta ainda que as políticas estabelecidas pela Constituição Brasileira de 1988 só foram regulamentadas com a LDBEN 9.394/96 (BRASIL, 1996) nos mínimos detalhes. No artigo 59º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, os sistemas de ensino deverão assegurar aos alunos com deficiência:

- I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;
- II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;
- III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;
- IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;
- V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular (BRASIL, 1996).

A atual LDBEN apresenta características básicas de flexibilidade, além de algumas inovações que muito favorecem os alunos com deficiência. Por exemplo, a garantia de fazer a matrícula, preferencialmente nas instituições de educação básica (GOFFREDO, 1999).

Em 1994, a Declaração de Salamanca na Espanha - Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais - foi aprovado que as escolas deveriam

acomodar e promover o acesso dos alunos com deficiência no ensino regular. Mesmo sendo garantida por lei, a inclusão social e a qualidade na educação encontram barreiras, como o preconceito, estrutura física e o acesso à escola. Solicitou-se aos países que assinaram a Declaração que considerassem:

- O princípio da igualdade e oportunidade;
- Adoção de medidas paralelas e complementares as educacionais, nos outros campos de ação social (saúde, bem-estar social, trabalho etc.);
- Inclusão das crianças com deficiência nos planos nacionais de Educação para Todos;
- Especial atenção as necessidades de crianças com deficiências graves ou múltiplas;
- Consideração da importância da linguagem de sinais como meio de comunicação dos surdos, de modo a lhes assegurar acesso a linguagem de sinais de seus países;
- Reabilitação baseada na comunicação;
- Ação coordenada entre os responsáveis pelo ensino e os responsáveis pela saúde e assistência social de organizações tanto governamentais como não-governamentais CARVALHO (1999, p. 24).

O objetivo da Declaração de Salamanca foi de promover a educação para todos. A partir da Conferência Mundial, o tema inclusão passou a ser discutido no mundo inteiro, sendo que as políticas de inclusão para pessoas com deficiência na Educação básica passam a ser garantidas na maioria dos países.

No ano de 2007 surge o documento “Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva”, com o objetivo de promover o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, a fim de promover respostas às necessidades educacionais especiais e garantir:

- Transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior;
- Atendimento educacional especializado;
- Continuidade da escolarização nos níveis mais elevados do ensino;
- Formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão escolar;
- Participação da família e da comunidade;
- Acessibilidade urbanística, arquitetônica, nos mobiliários e equipamentos, nos transportes, na comunicação e informação;
- Articulação intersetorial na implementação das políticas públicas. (BRASIL, 2007).

As escolas de educação básica devem promover o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, moral, social dos alunos com deficiência, e também facilitar a integração dos mesmos na sociedade como membros ativos (GOFFREDO, 1999).

A inclusão é um movimento da sociedade onde todos devem ter as mesmas oportunidades e o direito inegável de fazer a matrícula em uma instituição de educação básica, pois essas instituições têm a responsabilidade de desenvolver processos de aprendizagem, a partir das dificuldades ou particularidades de cada um. A educação inclusiva é um processo de educar em classes comuns alunos deficientes com alunos ditos normais.

Segundo Carvalho (1999, p. 37-38), “A escola inclusiva, isto é, a escola para todos, deve estar inserida num mundo inclusivo onde as desigualdades – que são estruturais nas sociedades – não atinjam níveis tão altos como esses com os quais temos convivido”. As barreiras para a inclusão do deficiente ainda são muitas, as discussões atualmente acontecem no mundo todo, às instituições de ensino devem incluir o aluno, mesmo que a sociedade onde ele viva não dê essa oportunidade.

Segundo o documento “A tendência atual é que o trabalho da Educação Especial garanta a todos os alunos com deficiência o acesso à escolaridade, removendo barreiras que impedem à frequência desses alunos as classes comuns do Ensino Regular” (BRASIL, 2000, p.11). Assim, entende-se que o ensino regular não pode ser substituído pela educação especial, pois o ensino regular é um nível de ensino. A educação inclusiva, segundo Carneiro (2008, p. 29) é um:

Conjunto de processos educacionais decorrente da execução de políticas articuladas impeditivas de qualquer forma de segregação e de isolamento. Essas políticas buscam alargar o acesso à escola regular, ampliar a participação e assegurar a permanência de TODOS OS ALUNOS nela, independentemente de suas particularidades. Sob o ponto de vista prático, a educação inclusiva garante a qualquer criança o acesso ao Ensino Fundamental, nível de escolaridade obrigatória a todo cidadão brasileiro. (grifo do autor)

As escolas devem estar muito bem preparadas para receber alunos deficientes e seguir todos os métodos que podem auxiliar numa adaptação mais rápida. Para o processo de inclusão, as instituições precisam fazer mudanças, sejam ela no ambiente escolar, como na estrutura para a acessibilidade ou no modo de aprendizagem.

As escolas, de modo geral, têm conhecimento da existência das leis acerca da inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais no ambiente escolar e da obrigatoriedade da garantia de vaga para estas. As equipes diretivas respeitam e garantem a entrada destes alunos, mostrando-se favoráveis à política de inclusão, mas apontam alguns

entraves pelo fato de não haver a sustentação necessária, como por exemplo, a ausência de definições mais estruturais acerca da educação especial e dos suportes necessários a sua implementação (BRASIL, 2005, p. 25).

As escolas de educação básica inclusivas propõem um modo de organização do sistema educacional onde consideram as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em função dessas necessidades. A inclusão gera uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas os alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprendizagem, mas todos os demais, para que tenham uma aprendizagem significativa. (MANTOAN, 2006)

Para que as escolas sejam inclusivas, elas precisam ser espaços criativos, onde promovam a liberdade de expressão a todos os alunos.

A importância do exercício da expressão artística não está apenas no desenvolvimento da criatividade que ela promove, ou no aprimoramento das formas de percepção por parte das pessoas: a Arte é relevante enquanto objeto de conhecimento que amplia a compreensão do homem a respeito de si mesmo e de sua interação com o mundo no qual vive. (TIBOLA 2001, p.13)

A arte na escola oportuniza conhecer as diferenças, partindo para a compreensão da diversidade existente, a fim do respeito e da inclusão do aluno com deficiência nas atividades escolares. Com a Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), o ensino da arte é considerado disciplina obrigatória na educação básica. Onde fez com que a arte permaneça mais presente na vida desses alunos. Segundo Tibola (2001, p. 16), sobre a relevância do ensino da arte:

A partir da década de 70, algumas APAEs iniciaram trabalho sistematizado na área da Educação Artística, envolvendo a dança, a música e as artes plásticas. Inicialmente, esse trabalho era realizado por profissionais sem formação na área do ensino de Arte, mas por professores e outros profissionais interessados na área, que perceberam, na relação cotidiana com os educandos portadores de deficiência, a necessidade de assegurar a elas oportunidades para que pudessem expressar-se, reconhecendo a arte como um caminho para o desenvolvimento global do indivíduo. Note-se que a ênfase inicial estava no trabalho como apoio psicopedagógico e não na arte como possibilidade de exercício de linguagem e construção de conhecimento.

As linguagens artísticas oportunizam aos alunos diversas formas de expressão, e ao longo do tempo, os resultados gerados desses trabalhos poderão ser positivos. A relação com o aluno deficiente no cotidiano escolar oportuniza ao professor a observação desse aluno e a partir das linguagens artísticas introduzidas

nas suas aulas de Artes, ficará mais evidente a forma de expressão que mais se adapta a cada aluno com deficiência. De acordo com Jannuzzi (2010, p.67): “Atualmente se valoriza a teoria de aprendizagem com ênfase na aprendizagem conjunta, com o outro, com o grupo. Sabe-se que o ponto de partida é o social, isto é, o conhecimento necessário à participação humana, plena de direitos e deveres, com base no que o aluno já traz [...]”. A postura do professor diante do processo de criação e expressão é fundamental, a liberdade dada em sala de aula influencia esse aluno que tem a necessidade de se expressar.

Almeida (2003, p. 14) acrescenta que a prática de certas ações artísticas pode contribuir para uma formação mais completa, pois, “[...] ao conhecer e compreender melhor as artes os alunos tornam-se pessoas mais sensíveis, capazes de perceber de modo acurado modificações no mundo físico e natural, e também de experimentar sentimentos de ternura, simpatia e compaixão”.

Tibola (2001) reforça a importância da expressão artística que não está apenas no desenvolvimento e aprimoramento da criatividade e das formas de percepção, a arte amplia a compreensão do sujeito em relação a si mesmo e da interação com o mundo no qual vivem, quando a arte é compreendida enquanto objeto de conhecimento.

4 METODOLOGIA

Entende-se por pesquisa uma busca de respostas aos problemas de forma planejada. Assim, conceituando pesquisa, em diálogo com o autor Antonio Carlos Gil: “Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 1996, p.19). Dessa forma, trago na presente pesquisa, que tem como tema: “A inclusão de alunos com deficiência na educação básica e sua relação com o ensino da arte”, e como problema: “Qual a percepção dos professores de Artes na educação básica com relação à inclusão de alunos com deficiência?”. Para obter respostas ao meu questionamento, foi preciso investigar através de um questionário direcionado aos professores de Artes do município de Criciúma-SC, para aprofundamento do assunto.

O estudo realizado caracteriza-se por uma pesquisa de campo de natureza básica, e quanto à forma de abordagem é uma pesquisa qualitativa, que para Minayo (2004, p.21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operação de variáveis.

Quanto ao objetivo da pesquisa, a mesma será exploratória, que segundo Gil (2006, p. 45), pretende “[...] proporcionar uma familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”.

A presente pesquisa segue a linha de pesquisa do curso de Artes Visuais, que se configura como “Educação e Arte: princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. Linguagens artísticas e suas relações com as práticas pedagógicas. Estudos sobre estética, semiótica, identidade, cultural e suas implicações com a arte e a educação”.

Os procedimentos técnicos caracterizam-se por uma pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2006, p. 48) é: “[...] desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Assim, contextualizo o ensino da arte e a inclusão de alunos na educação básica, a partir de

leituras de materiais já publicados de autores que discutem os temas.

A pesquisa foi realizada com aplicação de questionários, com professores de Artes que lecionam em escolas da rede pública Municipal de Criciúma/SC, que tenham alunos deficientes incluídos na Educação Básica.

Primeiramente, foi contatada a Secretaria de Educação de Criciúma para que os questionários fossem enviados para os e-mails dos professores de Artes do município, e também para ter conhecimento do número de escolas municipais existentes em Criciúma. No município há 72 escolas, das 72, 53 escolas são de ensino fundamental e 20 são Centros de Educação Infantil Municipal (CEIM). Os e-mails contendo o questionário foram enviados aos professores de Artes da rede Municipal e não tendo nenhum retorno, a partir disso os questionários foram entregues pessoalmente para os professores de Artes, tendo o retorno de nove questionários.

Os questionários foram entregues no mês de outubro de 2015, buscando levantar dados referentes às práticas dos professores de Artes em relação à inclusão. Para que os professores de Artes pudessem participar da pesquisa foi encaminhado um termo de consentimento informado para a Coordenadora da área de Artes e um termo de consentimento para cada professor que respondeu ao questionário, para o uso dos dados.

A Coordenadora da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, a Coordenadora da área de Artes e os professores entrevistados, na sua maioria, mostraram-se receptivos e dispostos a contribuir com a pesquisa.

De acordo com a autorização da coordenadora de Arte da rede municipal de Criciúma e com o consentimento dos professores, as respostas do questionário foram tabuladas, possibilitando à análise dos dados a luz do referencial teórico.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa foi realizada com 9 professores de Artes. Os professores participantes da pesquisa são graduados em Artes Visuais e para efeito de sigilo, serão denominados neste estudo como P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9.

A tabela 1 apresenta o tempo de serviço dos participantes, bem como alguns dados da escola referente a matrículas de alunos.

Tabela 1: Tempo de Serviço/ Escola referente a matrículas de alunos

Professores	Tempo de Serviço	Número de alunos por escola	Alunos com deficiência que o professor tem contato
P1	1 ano	150 alunos	1 aluno
P2	3 anos	620 alunos	23 alunos
P3	4 anos	Não especificou	2 alunos
P4	6 anos	131 alunos	3 alunos
P5	6 anos	150 alunos	6 alunos
P6	7 anos	547 alunos	12 alunos
P7	10 anos	130 alunos	2 alunos
P8	12 anos	120 alunos	5 alunos
P9	14 anos	620 alunos	23 alunos

Fonte: Da autora, 2015.

Dos 9 professores que responderam ao questionário, 1 do gênero masculino e 8 feminino, com idade variando entre 25 anos e 55 anos, com experiência no Ensino de arte. Dos 9 professores, 5 responderam que recebem orientações pedagógicas para atuar com aluno deficiente e 4 responderam que não recebem orientações. Dos 9 professores, 6 têm formação continuada em educação inclusiva e 3 não participam. A modalidade de Educação Básica que atuam é da educação infantil ao ensino fundamental.

Acredita-se que o professor possui um importante papel com relação a inclusão de alunos com deficiência na educação básica, ao ensinar aprendizagens significativas ao contexto escolar e para a vida, respeito as diferenças e valorização da diversidade humana.

Inicialmente, foi questionado aos professores sobre seu entendimento de inclusão na Educação Básica: P1, P3 e P8 responderam que isso acontece quando todos têm as mesmas oportunidades de aprendizagem, onde possam interagir com todos da escola. Para P2 *“incluir é proporcionar experiências, a criança com deficiência, que lhe permite ser pertencente de um todo, de um grupo, sem distinções”*. Para P4 *“A inclusão na educação básica é um debate muito antigo entre educadores, propondo ações que garantam acesso e permanência do aluno com deficiência no ensino regular”*. P5 e P9 destacam o respeito com as limitações de cada um. Para P6 *“Toda criança tem o direito fundamental a educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem”*. P7 diz que é *“tornar acessível, tanto no espaço da escola, quanto ao aprendizado do aluno”*.

Analisando as respostas, percebe-se que a inclusão na Educação Básica é um direito do aluno deficiente, onde ele participa e tem oportunidades de aprendizagem. O enfoque da inclusão, segundo Mantoan, (2006, p. 19):

[...] é não deixar ninguém no exterior do ensino regular, desde o começo da vida escolar. As escolas inclusivas propõem um modo de organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em função dessas necessidades.

Com relação à questão sobre o ensino da arte, se ele contribui para o desenvolvimento do aluno com deficiência, P1, P4, P8 e P9 respondem que sim e evidenciam as linguagens artísticas, Artes Visuais, Música, Dança e Teatro como forma de expressão e a partir das linguagens os professores observam qual delas o aluno com deficiência se expressa melhor. P2, P3 e P7 também respondem que sim, o aluno com deficiência possui outras percepções, através da arte que o professor observa no aluno sua comunicação e expressão do mundo. P5 diz: *“Penso que bem pouco, visto que a atenção maior é direcionada para os alunos ditos “normais”*”. P6 destaca que: *“Sim, ajuda no expressar, no motor e no raciocínio”*.

Todos os professores de Artes compreendem a importância de ensinar arte. Nessa direção, os documentos norteadores de arte, os PCNs (BRASIL, 1997, p. 35) explicam que: *“Fazer arte e pensar sobre o trabalho artístico que realiza, assim como sobre a arte que é e foi concretizada na história, podem garantir ao aluno uma situação de aprendizagem conectada com os valores e os modos de produção artística nos meios socioculturais”*.

Ao inferir os professores de Artes, qual a metodologia que utilizam para ensinar arte em turmas que há alunos com deficiência: **P1** responde que *“Preparo atividades diferenciadas para que o monitor aplique, enquanto trabalho com a turma, observo a participação e interesse do aluno”*. **P2 e P3**, quando necessário adaptam o modo de explicar o conteúdo, buscando formas lúdicas e simplificadas, para alcançar os mesmos objetivos. **P4** *“Procuro diversificar as técnicas, variar materiais”*. **P5, P6 e P7** relatam que o aluno com deficiência tem auxílio de um monitor (estagiário), assim a metodologia é a mesma para todos. Para **P8**: *“A princípio, procuro integrá-los às atividades com os demais, afinal esta é a proposta de uma escola inclusiva; O mais interessante é que as demais crianças integram os alunos com deficiência nas propostas; Auxiliam, tanto nas atividades pedagógicas, quanto nas questões pessoais: ir ao banheiro, pegar coisas na bolsa etc.”* **P9** responde que procura ensinar da mesma forma para todos, mas quando precisa aponta caminhos para facilitar o aprendizado do aluno com deficiência.

Segundo Tibola (2001, p. 22) é importante que:

[...] a criança interaja com materiais, instrumentos e procedimentos diversos nas várias linguagens artísticas, experimentando de modo individual e coletivo, articulando a percepção, a imaginação, a leitura e a produção nessas diferentes linguagens e construindo aprendizagens significativas a partir de suas vivências.

Percebe-se a preocupação que a maioria dos professores tem com a aprendizagem do aluno deficiente e assim preparam atividades diferentes, ou adaptam quanto à necessidade. É significativo aos alunos o contato com materiais diferentes, com as linguagens artísticas de forma individual e coletiva, assim, os documentos norteadores servem de referenciais teóricos que auxiliam os professores quanto aos conteúdos, é indispensável que o professor tenha conhecimento em arte e avalie seu modo de ensinar.

Ao questionar os professores de que forma o ensino da arte é contextualizado em turmas em que há aluno com deficiência: para **P1 e P6** preparam atividades diferenciadas e tem o auxílio do monitor que acompanha o aluno com deficiência nas aulas. **P2** afirma que é modificado a forma de mediação, cada aluno é diferente e eventualmente precisam de propostas diferentes. **P3 e P7** respondem que é contextualizo através de slides, filmes, sons, diálogos e aulas expositivas. **P4** procura contextualizar os conteúdos relacionando ao cotidiano do aluno. **P5** responde que contextualiza do mesmo modo para todos. **P8** diz que a

postura do profissional da educação é que faz a diferença. Destaco sua fala onde diz que: *“Durante as propostas procuro perceber de que forma a criança com necessidade especial melhor responde: em alguns casos me aproximo pra conversar (assim como trato os demais), a mediação da estagiária ajuda bastante; delegando pequenas tarefas: entrega de materiais, participação ativa nas brincadeiras; E, principalmente, a afetividade: a maioria das crianças com necessidades especiais responde muito bem quando se sentem queridas, acolhidas, tratadas com carinho – assim como as demais – sempre deixando claro os limites, regras, o que pode ou não”*. P9 diz que contextualiza dando exemplos e mediando o entendimento para o aluno com deficiência.

Entende-se que, além das atividades adaptadas, é preciso aprofundar os conteúdos a serem desenvolvidos com aos alunos deficientes. De acordo com os PCNs de arte (BRASIL, 1997, p. 41): *“É desejável que o aluno, ao longo da escolaridade, tenha oportunidade de vivenciar o maior número de formas de arte; entretanto, isso precisa ocorrer de modo que cada modalidade artística possa ser desenvolvida e aprofundada”*. Para que isso ocorra o professor precisa ter formação, no meu caso, essa formação é em Artes Visuais.

Com relação às linguagens artísticas utilizadas para ensinar Artes em turmas de inclusão: de modo geral os professores responderam que utilizam todas as linguagens artísticas de acordo com os conteúdos.

Questionando os professores de Artes sobre os espaços utilizados para ensinar Artes em turmas de inclusão: os professores responderam que trabalham em sala de aula, sala de Artes e dependendo da atividade em outros espaços na escola.

Relacionando as respostas das questões sobre as linguagens artísticas que o professor utiliza e sobre os espaços onde o professor de Artes ensina arte, conclui-se que o professor deve procurar diferentes espaços, utilizando todas as linguagens artísticas de modo que observe em qual das linguagens o aluno com deficiência tem mais habilidade, fazendo com que todos sejam incluídos nas atividades propostas e, nas linguagens que ele não tem habilidade, propor adaptações para que desperte o interesse pela linguagem. Pois, segundo Almeida (2003, p. 14): *“[...] quando a criança realiza atividades artísticas, desenvolvem a auto-estima e autonomia, sentimentos de empatia, capacidade de simbolizar, analisar e fazer julgamentos e um pensamento mais flexível”*. Quando o aluno com

deficiência realiza uma atividade onde encontra dificuldade, ele descobre que pode ir além, tornando-o mais seguro do que faz.

Quando questionados sobre as atividades para os alunos deficientes e se elas são diferenciadas dos demais alunos, os professores responderam que se houver necessidade serão diferenciadas. Destaco a resposta de **P9**: “*As atividades são as mesmas, mas a forma como irei orientar e ensinar serão diferentes*”.

Propiciar atividades adaptadas aos alunos quando necessário é um direito dele. Para dialogar, trago Mantoan (2006, p. 28): “Práticas escolares que contemplam as mais diversas necessidades dos estudantes, inclusive eventuais necessidades especiais, devem ser regra no ensino regular e nas demais modalidades de ensino [...]”.

Os conhecimentos a serem construídos junto ao aluno com deficiência, não devem ser minimizados, ou desconsiderados, devem ter direito ao acesso e à construção desses conhecimentos, que são garantidos a todos (TIBOLA, 2001).

Ao questionar os professores, se eles consideram importante o planejamento no ensino da arte para o aluno com deficiência. Relacionando as respostas de **P1, P2, P4 e P6**, eles julgam ser necessário o planejamento para o aluno deficiente, devido às limitações do aluno, onde precisam rever objetivos, metodologias e avaliações. Para **P3 e P5**, responderam que é importante, mas não é necessário. **P8** diz que: “*Não venho encontrando dificuldades. Mas poderia ser uma alternativa*”. **P9** responde que: “*Sim. Os alunos têm suas limitações por isso temos que ter um planejamento flexível*”.

Refletindo sobre as respostas, trago a autora Mantoan (2006 p. 47):

A inclusão não prevê o uso de práticas de ensino escolar específicas para esta ou aquela deficiência e/ ou dificuldade de aprender. Os alunos aprendem nos seus limites, e se o ensino for, de fato, de boa qualidade, o professor levará em conta esses limites e explorará convenientemente as possibilidades de cada um. Não se trata de uma aceitação passiva do desempenho escolar, e sim de agirmos com realismo e coerência e admitirmos que as escolas existem para formar as novas gerações, e não apenas alguns de seus futuros membros, os mais capacitados e privilegiados.

Planejar atividades pensando no aluno deficiente é olhar para ele com um olhar mais sensível, respeitando suas limitações e buscando conhecer as possibilidades de aprendizagem dele.

Com relação às dificuldades que o professor encontra nas turmas em que há alunos com deficiência para ensinar Artes: **P1** conta que: *“Meu aluno em questão não fala, não interage, não segura o pincel, com a turma grande, raros são os momentos que consigo trabalhar com ele”*. Para **P2**, sua maior dificuldade é a falta de tempo para preparar e se organizar. Mas acredita que com o tempo esses obstáculos serão vencidos. **P3, P5 e P7** relatam que não tem nenhuma dificuldade. **P4** relata que até o momento não encontrou dificuldades, mas não se sente preparada para ensinar alunos deficientes. Destaco uma parte de sua resposta: *“Necessitamos de mais formações continuadas específicas nessa área”*. **P8** responde que: *“O maior desafio é o conhecimento de propostas que poderiam ser implementadas para potencializar a aprendizagem destas crianças”*. **P9** diz que sua dificuldade é de perceber a linguagem artística que o aluno mais se identifica.

É necessário que o professor conheça a realidade escolar de onde trabalha, que participe de cursos onde debatam sobre a inclusão e busque novas propostas para desenvolver com seus alunos. A autora Goffredo (1999, p. 68) comenta que a partir do movimento de inclusão:

[...] os cursos de formação de professores devem ter como finalidade, no que se refere aos futuros professores, a criação de uma consciência crítica sobre a realidade que eles vão trabalhar e o oferecimento de uma fundamentação teórica que lhes possibilite uma ação pedagógica eficaz.

Por último, quando questionados sobre as atividades planejadas, se são passadas ao monitor (estagiário) para serem desenvolvidas com o aluno deficiente, **P2** diz que sempre conversa com a monitora, onde discutem ações e condições de trabalho. **P4** afirma que passa a atividade ao monitor somente se houver necessidade de adaptá-la. **P9** responde que sim, porém supervisiona para que o monitor somente oriente e não faça para o aluno. Destaco uma parte da fala de **P9** quando diz: *“Já aconteceu de pedir para ele (monitor) orientar a turma e eu ficar só com aquele aluno com deficiência”*.

Além do monitor da turma que auxilia o professor em suas aulas, segundo o Plano Municipal de Educação de Criciúma garante aos alunos deficientes: “[...] o Atendimento Educacional Especializado (AEE), preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos

multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados.”

As respostas recolhidas do questionário foram fundamentais para uma reflexão sobre as aulas de Artes e como o aluno com deficiência está sendo incluído nas aulas de Artes nas escolas de Educação Básica. As afirmações dos professores apontam uma preocupação com esse aluno e a falta de informações muitas vezes, tornam o trabalho do professor mais difícil e dificulta a inclusão de todos.

6 PROPOSTA DE CURSO

O projeto de curso é um requisito do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Com o intuito de provocar uma ação a partir dessa realidade pesquisada. O presente projeto tem como tema a inclusão de alunos com deficiência na educação básica e sua relação com o ensino da arte, tendo o seguinte título: A Inclusão nas aulas de Artes. Tendo como público-alvo os professores de Artes em atuação nas escolas de Educação Básica do Município de Criciúma-SC, com carga horária de 8h/a.

A ementa do projeto destaca: As aulas de Artes, Alunos com deficiência, o papel do professor de Artes. Tendo como objetivo geral, proporcionar aos professores de Artes da rede Municipal de Criciúma, reflexões do modo como incluem os alunos deficientes nas suas aulas. Seguindo com os objetivos específicos: conhecer as atribuições do professor de Artes para com os alunos com deficiência; Realizar experiência com as linguagens artísticas; Promover reflexões a partir das experiências.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte defendem-na como conteúdo do conhecimento e, a respeito das linguagens artísticas, Pillotto e Schramm (2001, p. 54)¹ afirma que:

[...] convém ressaltar sua importância, pois a criança, quando faz o seu trabalho, utiliza todo o seu corpo, estabelece relação com diferentes qualidades sonoras, visuais e cênicas. Nessa perspectiva, o fazer artístico não deve ficar apenas às tintas, deve atingir também outros meios de expressão, para que a criança compreenda a diversidade das linguagens.

A inclusão de alunos com deficiência na educação básica é um tema recorrente, e a partir das falas dos professores de Artes obtidas no questionário, percebe-se a dificuldade do professor e a falta de informações que prejudicam a inclusão do aluno deficiente. Pensando nessa dificuldade, proponho aos professores uma palestra ministrada pela professora Simone das Graças Nogueira Feltrin, professora da disciplina de Fundamento e Metodologia da Educação Especial Inclusiva e LIBRAS da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), onde falará sobre as deficiências e as possibilidades de inclusão. Também possibilitará

¹ PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Korting (Org.). **Reflexões sobre o ensino das artes**. Joinville: Univille, 2001. 151 p

algumas informações sobre sua formação e trabalho. No segundo, encontro a proposta será a experiência de se colocar no lugar do outro, onde o professor se colocará no lugar do aluno com deficiência, a partir de uma história e práticas com linguagens artísticas, ao termino das experiências os professores poderão falar.

6.1 METODOLOGIA

Quadro 1 – Descrição de atividades propostas.

Encontro	C/H	Descrição de atividade
1º	4h/a	O curso será realizado para os professores de Artes da rede Municipal de Criciúma. No primeiro encontro, será apresentada aos professores a palestrante Simone, que contará sobre sua formação e trajetória na educação inclusiva. A palestrante falará sobre as deficiências, as possibilidades de inclusão e materiais adaptados para a inclusão do aluno com deficiência nas aulas de Artes.
2º	4h/a	O segundo encontro oportunizará experiências onde os professores se colocarão no lugar dos alunos com deficiência. Iniciará com a contação de uma história sobre um aluno deficiente, onde falará das suas dificuldades de inclusão, na sua visão. Após a história, será proporcionada a experiência de pintar usando um pincel, onde os professores de Artes não poderão usar as mãos. Após essas experiência será aberto um espaço para reflexões e relatos escritos das percepções de cada professor.

Fonte: Da autora, 2015.

7 CONCLUSÃO

A realização desta pesquisa possibilitou o contato com professores de Artes e um aprofundamento maior sobre o tema inclusão, foi uma oportunidade de conhecer e ampliar alguns conhecimentos adquiridos a partir desta pesquisa, possibilitando meu crescimento pessoal e profissional.

A inclusão de pessoas com deficiência na educação básica vem acontecendo gradativamente nas instituições de ensino, com o intuito de atender a todos. E onde são vistos como sujeitos com capacidade de aprendizagem. Percebi com a pesquisa que há uma preocupação com estas pessoas, em relação ao seu bem estar, a sua aprendizagem e a sua autonomia. Mas quando os professores se deparam com um aluno deficiente, muitas vezes não sabem como lidar com essa situação nova, gerando angústias e desafios em ensinar. Ficou evidente que os professores desejam que todos os seus alunos participem de suas aulas ativamente.

O questionário que obtinha 10 perguntas, estas respondidas pelos professores de Artes, possibilitou a realização desta pesquisa que nos possibilita sugerir que os professores de Artes necessitam de orientações pedagógicas com relação ao conhecimento das deficiências, a atividades adaptadas para ensinar o aluno e que é possível sim, ter o mesmo conteúdo e uma metodologia que permita ao aluno deficiente aprender junto com todos, na educação básica, tornando as aulas de Artes também significativas a esses alunos.

Este estudo permitiu conhecer os documentos a fim de compreender o processo de inclusão, de compreender que a metodologia utilizada nas aulas de Artes com alunos deficientes depende de como o professor trabalha com o aluno com relação à sua aprendizagem, os professores adaptam as atividades quando necessário sempre respeitando as dificuldades de cada aluno.

Na arte e suas várias linguagens como artes visuais dança, teatro e música o aluno pode se desenvolver e se expressar, o ensino da arte possibilita utilizar de diversos espaços na escola e fora dela. Pode-se perceber a importância que os professores dão ao ensino da arte para a aprendizagem do aluno deficiente, quando não deixam o aluno de fora das atividades propostas e que adaptam se houver necessidade.

Esse estudo nos traz a reflexão de que é significativo ouvir o professor, pois seu olhar foi bastante relevante na pesquisa. Assim conhecendo as suas dificuldades em sala de aula com relação à inclusão do aluno com deficiência. Acreditamos que é possível a inclusão na educação básica, mas é importante que os professores tenham apoio, orientações e informações, pois o aluno deficiente também tem espaço e direitos de aprender, e o ensino da arte não deve ser confundido com terapia ocupacional, ou simplesmente um passa tempo no ambiente escolar, arte é conhecimento. Entretanto, o processo de inclusão demanda de estudos, participação das famílias e da sociedade e de formação continuada aos professores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro (Org.). Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2003. Cap. 1. p. 11-38.

ANTUNES, Celso. **Inclusão: o nascer de uma nova pedagogia**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008. 95 p.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos Utópicos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998. 200 p.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC/SED, 1996. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 30 set. 2015.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. MEC/SEESP. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. **Resolução CEB n. 02/2001**. Disponível em: peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf. Acesso em: 06 out. 2015.

_____. **Documento subsidiário à política de inclusão**. Ministério da Educação, Secretaria de educação especial, 2005, p. 48 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/docsubsidiariopoliticaedeinclusao.pdf>. Acesso em: 11 out. 2015

CARNEIRO, Moaci Alves. **O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns: possibilidades e limitações**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CARVALHO, Rosita Edler. O direito de ter direitos. In: BRASÍLIA. Ministério da Educação. Secretaria de Educação A Distância. **Educação Especial: Tendências Atuais**. Brasília: Ministério da Educação, 1999. p. 17-26.

CUNHA, S. R. V. **Cor, som e movimento: A expressão plástica musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

GIL, Antônio Carlos, **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GOFFREDO, Vera Lucia Flor Sénéchal de. Educação: Direito de todos os brasileiros. In: BRASÍLIA. Ministério da Educação. Secretaria de Educação A Distância. Educação Especial: Tendências Atuais. Brasília: Ministério da Educação, 1999. p. 27-34.

JANNUZZI, Gilberta (Org.). Escola e Inclusão: é possível o diálogo? In: TUNES, Elizabeth; BARTHOLLO, Roberta (Org.). **Nos limites da ação: preconceito, inclusão e deficiência**. São Carlos: EdUFSCar, 2010. Cap.2. p. 57-68.

JAPIASSU, Ricardo. **A linguagem teatral na escola: Pesquisa, docência e prática pedagógica**. Campinas: Papirus, 2007. 157 p.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar. O que é? Por quê? Como fazer?** 2º Ed. São Paulo: Moderna 2006.

_____. **Plano Municipal de Educação de Criciúma**. Secretaria Municipal de Educação de Criciúma, 2015. Disponível em: <http://www.camaracriciuma.sc.gov.br/documento/lei-ordinaria-no-6514-2014-22307> Acesso em: 07 nov. 2015.

_____.; PRIETO, Rosângela Gavioli. In: ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Inclusão Escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: 2006. p. 103

MINAYO, Maria Cecilia de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. Ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2004.

PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Korting (Org.). **Reflexões sobre o ensino das artes**. Joinville: Univille, 2001. 151 p.

SABÓIA, Eloisa. **Orientações Curriculares para o Ensino de Artes Visuais**. Rio de Janeiro. 2010. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4246634/4104952/OrientacoesCurricularesArtesVisuais.pdf>. Acesso em: 14 set. 2015.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. Fundação Catarinense de Educação Especial. **Programa Pedagógico**. São José, SC: FCEE, 2009.

STRAZZACAPPA, Marcia; MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

TIBOLA, Ivanilde Maria. **Arte, cultura, educação e trabalho** – Brasília Federação Nacional das APAES, 2001. 64 p.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – Questionários aos professores de Artes da rede Municipal de Criciúma.

	Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC
	Curso: Artes Visuais - Licenciatura
	Título da pesquisa: A inclusão de alunos com deficiência na educação básica e sua relação com o ensino da arte.

Prezado (a) professor (a) solicitamos sua colaboração para o preenchimento deste questionário, que faz parte da pesquisa de conclusão de curso em Artes Visuais - Licenciatura. Tendo como objetivo, analisar a percepção dos professores de artes na educação básica com relação à inclusão de alunos com deficiência.

Sua colaboração é imprescindível, pois contribuirá para o êxito de nossa pesquisa.

Perfil Professor de Artes

1. Gênero: feminino () masculino ()
2. Idade: _____
3. Quantos alunos têm na escola? E quantos com deficiência? _____
4. Modalidade da educação básica: () educação infantil () ensino fundamental 1º ao 5º ano () ensino fundamental 6º ao 9º ano.
5. Tempo de atuação como professor de Artes? _____
6. Você recebe orientações pedagógicas para trabalhar com alunos deficientes?
() sim () não
7. Você participa de formação continuada em educação inclusiva
() sim () não

QUESTIONÁRIO PROFESSOR DE ARTES

1. Qual o seu entendimento de inclusão na educação básica?

2. O ensino da arte contribui para o desenvolvimento do aluno com deficiência? Justifique?

3. Que metodologia você utiliza para ensinar arte em turmas que há alunos com deficiência?

4. De que forma o ensino da arte é contextualizado em turmas que há aluno com deficiência?

5. Que linguagens artísticas você utiliza para ensinar artes em turmas de inclusão?

6. Que espaços você utiliza para ensinar arte em turmas de inclusão?

7. Como são as atividades para os alunos com deficiência? São diferenciadas dos demais alunos?

8. Você considera importante o planejamento no ensino da arte para alunos deficientes? Justifique?

9. Que dificuldades você encontra para ensinar artes em turmas que há alunos com deficiência?

10. Seu aluno com deficiência tem o acompanhamento de um monitor (estagiário)? Você passa para o monitor as atividades planejadas?

ANEXO(S)

ANEXO A

	Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc
	Curso: Artes Visuais – Licenciatura
	Título da pesquisa: A inclusão de alunos com deficiência na educação básica e sua relação com o ensino da arte.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado A inclusão de alunos com deficiência na educação básica e sua relação com o ensino da arte.

O (a) sr(a): _____ - Coordenadora da área de Artes da rede municipal de Criciúma foi plenamente esclarecido de que autorizando a coleta de dados desse projeto nas escolas da rede municipal de Criciúma de 1º ao 9º ano do ensino fundamental, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um do objetivo, analisar a percepção dos professores de Artes com relação a inclusão de alunos com deficiência na educação básica.

Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes aos professores serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica Kenia Bitencourt Goulart (kenbi0290@hotmail.com) da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC orientada pela professora Simone Das Graças Nogueira Feltrin simonfeltrin@unesc.net

Criciúma (SC) _____ de _____ de 2015.

Assinatura do Responsável pela Unidade Escolar e/ou Instituição

ANEXO B

	Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc
	Curso: Artes Visuais – Licenciatura
	Título da pesquisa: A inclusão de alunos com deficiência na educação básica e sua relação com o ensino da arte.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado A inclusão de alunos com deficiência na educação básica e sua relação com o ensino da arte.

O (a) sr(a): _____ professor(a) de Artes da rede municipal de Criciúma foi plenamente esclarecido de que autorizando a coleta de dados desse projeto nas escolas da rede municipal de Criciúma de 1º ao 9º ano do ensino fundamental, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um do objetivo, analisar a percepção dos professores de Artes com relação a inclusão de alunos com deficiência na educação básica.

Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes aos professores serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica Kenia Bitencourt Goulart (kenbi0290@hotmail.com) da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC orientada pela professora Simone Das Graças Nogueira Feltrin simonfeltrin@unesc.net

Criciúma (SC) _____ de _____ de 2015.

Assinatura do professor de Artes